



**PERSPECTIVAS**  
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

VOL. 10, Nº 2, 2025, P. 20-38  
ISSN: 2448-2390

## **A arte contra o mundo administrado: Notas sobre a *Dialética do esclarecimento*, de Theodor Adorno**

### **Art Against the Managed World: Notes on Theodor Adorno's Dialectic of Enlightenment**

DOI: 10.20873/rpvn10v1-41

**Bruno Luciano de Paiva Silva**

**E-mail:** brunopaiva1818@gmail.com

**Orcid:** <https://orcid.org/0009-0005-7030-4450>

#### **Resumo**

O escopo principal do presente artigo é refletir sobre as considerações sobre a arte, elaboradas por Horkheimer e Adorno, no primeiro capítulo da *Dialética do esclarecimento* (1947). A hipótese levantada é de que é possível, já neste texto, vislumbrar a arte como potencial de resistência contra a integração passiva do indivíduo ao mundo administrado. Desse modo, o artigo está dividido em dois momentos: a) no primeiro, analisaremos o papel da arte no contexto do esclarecimento; b) em seguida, veremos como a resistência a integração ao mundo administrado ganha importância em outra fase da sua obra.

#### **Palavras-chave**

Arte; Esclarecimento; Mundo administrado; Theodor Adorno.

#### **Abstract**

The main purpose of this article is to reflect on the considerations about art, elaborated by Horkheimer and Adorno, in the first chapter of *Dialectic of Enlightenment* (1947). The hypothesis raised is that it is possible, already in this text, to glimpse art as a potential for resistance against the passive integration of the individual into the administered world. Thus, the article is divided into two parts: a) in the first, we will analyze the role of art in the context of enlightenment; b) then, we will see how resistance to integration into the administered world gains importance in another phase of his work.

#### **Key-word**

Art; Enlightenment; Administered world; Theodor Adorno.

## Introdução

A *Dialética do esclarecimento* (1947) denunciou a contradição de uma razão que pretendia combater o mito, mas que acabou por se transformar no próprio mito. Ela não garante mais caminhos para a emancipação, restringindo-se ao controle técnico do mundo natural e social e negando sua dimensão crítica e emancipatória, aspectos essenciais esquecidos no decorrer da sua caminhada. O contexto histórico em que essa obra foi escrita foi marcado pela experiência americana dos autores nos anos 1940 e pelo horror dos campos de concentração pela Europa, o que influenciou e deu um tom mais sombrio aos ensaios que a compõem.

Nos trabalhos posteriores de Adorno, contudo, entre os quais se destacam *Minima Moralia* (1951), a *Dialética negativa* (1966) e a *Teoria estética* (1970), não transparece nenhuma esperança de que se pudesse efetivamente reverter o processo de consolidação e reprodução do sistema capitalista vigente, uma vez que a classe operária já se encontrava integrada ao *status quo* não apenas como classe produtora de riqueza, mas também ideologicamente.

Essa integração não se limitava apenas à classe trabalhadora, estendendo-se a todos os assalariados, pequenos e médios produtores esmagados pela lógica perversa dos sistemas produtivos. Tais indivíduos perderam a capacidade de reconhecerem sua situação material, contentando-se com as (poucas) melhorias salariais em detrimento da perda da autonomia e da consciência de sua exploração e alienação objetiva. A partir desse diagnóstico do tempo, desloca-se a ênfase da classe operária, que já não podia provocar mudanças estruturais na sociedade, para a esfera da superestrutura, particularmente a cultura em geral e a industrializada, identificadas com formas de manipulação e de dominação das consciências.

A *Teoria estética* não rompia com a teoria crítica frankfurtiana, nem com os trabalhos anteriores do autor, buscando, até as últimas consequências, a dimensão crítica no âmbito de uma sociedade totalmente alienada. A experiência estética é um veículo privilegiado de crítica ao *modus vivendi* da sociedade, aos regimes totalitários e suas sociedades industriais massificadas, ao bloqueio de ações emancipatórias, à semiformação, à alienação presente nas relações de trabalho e ao sistema de dominação que transforma a classe trabalhadora em um acessório da máquina produtiva e do aparelho de reprodução da vida material. Na obra de arte conserva-

se o teor de verdade ainda não anulado pelo avanço do sistema que procura submeter a tudo e a todos seu totalitarismo.

O diagnóstico do tempo da década de 1960 revelou que a arte e a cultura foram gradualmente absorvidas pela indústria cultural e pelo consumo de massa, e que a filosofia e a ciência se reduziram, em boa parte, ao positivismo. O fato de que a arte autônoma, porém, recuse diluir-se no âmbito conceitual-abstrato é índice de sua permanência como forma de representação crítica da realidade alienada. A estética filosófica crítica consegue extrair da arte seus momentos críticos e de negatividade, iluminando a obra como representação refratada do real e de suas múltiplas dimensões contraditórias. A arte é o último refúgio de uma “promessa de felicidade”, possuindo um conteúdo utópico que transcende o real.

Com isso, O escopo principal do presente artigo é refletir sobre as considerações sobre a arte, elaboradas por Horkheimer e Adorno, no primeiro capítulo da *Dialética do esclarecimento* (1947). A hipótese levantada é de que é possível, já neste texto, vislumbrar a arte como potencial de resistência contra a integração passiva do indivíduo ao mundo administrado. Desse modo, o artigo está dividido em dois momentos: a) no primeiro, analisaremos o papel da arte no contexto do esclarecimento; b) em seguida, veremos como a resistência a integração ao mundo administrado ganha importância em outra fase da sua obra. Foi adotado como metodologia a pesquisa bibliográfica, que forneceu todos os elementos necessários para o trabalho de escrita.

## **2. Arte contra o mundo administrado**

### **2.1 A arte e esclarecimento**

Escrita a quatro mãos por Adorno e Horkheimer durante o exílio norte-americano do Instituto de Pesquisa Social, a *Dialética do esclarecimento* foi publicada pela primeira vez em 1944, e apresenta uma estrutura bem singular, com um ensaio inicial “O conceito de esclarecimento”, seguido de dois excursos “Ulisses ou Mito e Esclarecimento” e “Juliette ou Esclarecimento e Moral”, um ensaio sobre a “Indústria Cultural: O esclarecimento como mistificação das massas”, uma análise sobre os “Elementos do Antissemitismo: Limites do Esclarecimento” e conclui com uma série de fragmentos sobre diversos temas, como o corpo, a mulher, a gênese

da burrice, etc. O problema da descontinuidade talvez tenha sido, segundo Jay (2008), o dilema interno central da teoria crítica na década de 40 e de Horkheimer e Adorno durante a elaboração do livro. Segundo Nobre (2004), a *Dialética do esclarecimento* abandona o modelo do materialismo interdisciplinar da década de 30, o que acarreta, ao mesmo tempo, abandonar também elementos decisivos da *Teoria Crítica* tal como apresentada em 1937 por Horkheimer. O modelo do materialismo interdisciplinar, desenvolvido no texto “Teoria Tradicional e Teoria Crítica” por Horkheimer, tinha como principal ideia que o capitalismo produz não apenas a ilusão de uma sociedade de indivíduos livres e iguais, mas também a possibilidade concreta de realização da igualdade e da liberdade. Para Horkheimer em 1937, a possibilidade da práxis transformadora se vê impedida historicamente pelo Nazismo, mas permanecia ainda no horizonte a ideia de que a ação transformadora no mundo poderia ser retomada com a derrota nazista. Entretanto, esse não foi o diagnóstico de Horkheimer e Adorno no período pós-guerra, já que a vitória das tropas aliadas não significou a restauração das possibilidades de transformação, mas significou uma paralisação estrutural da práxis transformadora. Essa constatação estava fundamentada na reflexão de F. Pollock – a quem os autores dedicam o livro – de que ocorreu uma mudança significativa do funcionamento do capitalismo, onde o Estado intervinha na organização da produção, distribuição e consumo para estabelecer as relações de mercado. Essa nova forma de capitalismo foi chamada por Pollock de “capitalismo de Estado” (Jay, 2008, p 206), que na *Dialética do esclarecimento* será substituída por “Capitalismo administrado” ou “mundo administrado”. A *Dialética do esclarecimento*, ao mostrar que a racionalidade instrumental concretizada no mundo administrado produziu um sistema social que bloqueou estruturalmente qualquer possibilidade emancipatória, conduz a reflexão crítica a uma aporia: se a racionalidade instrumental é a única forma de razão no mundo administrado, impossibilitando a emancipação, em nome de que é possível criticar a razão instrumental? Veremos que no interior da própria dialética do esclarecimento, nessa interpenetração entre cultura e barbárie, encontra-se uma saída: a arte. Esta, como herdeira da magia, traz a memória da felicidade e torna-se uma tentativa de restaurar outro mundo.

Observa-se que o texto “O conceito de esclarecimento” está dividido em três partes, sem numeração e títulos que os caracterizassem, com o último parágrafo de cada parte sendo seguido de um espaço maior, apesar de a edição brasileira não apresentar o espaço da segunda para a terceira parte. A primeira parte, do §1 ao §9, aborda as relações entre ciência (razão instrumental), mitologia, poder e dominação, que estiveram presente na primeira parte de nosso texto “Razão instrumental como coisificação do pensar”. O segundo momento, do §10 ao §15, fornecerá os elementos para essa seção de nosso texto, “A arte contra o esclarecimento”, onde abordaremos as relações entre ciência, arte, magia e fé. A terceira parte, do §16 ao §22, aborda as questões da autoconservação, da menoridade e as possibilidades de emancipação, forneceu elementos para a segunda seção de nosso texto, “A integração funcional do indivíduo no mundo administrado”. A questão que surge no contexto dos parágrafos §10 ao §15 é: Qual o papel da arte, para Adorno e Horkheimer, dentro do esclarecimento? Será que a arte se coloca diante do esclarecimento totalitário como uma nova via para a rememoração da natureza no sujeito ao sugerir um mundo essencialmente distinto da razão instrumental?

Os autores começam o §10 mostrando que a “palavra originária”, isto é, “as representações da criação nas quais o mundo surge da mãe primordial, da vaca ou do ovo, são, ao contrário do Gênesis judeu, simbólicas” (DE 27), eles incluíam signos, sons, imagens e palavras: “como atestam os hieróglifos, a palavra exerce originalmente também a função da imagem” (DE 27). A palavra não se reduzia apenas a signo neutro, mas se expressava e ganhava sentido na forma de escrita, visual e sonora. A divisão do trabalho espiritual, provocada pelo processo de esclarecimento, atingiu a linguagem, provocando uma espécie de fragmentação entre signos, sons, imagens, separando definitivamente ciência e arte:

Com a nítida separação da ciência e da poesia, a divisão de trabalho já efetuada com sua ajuda estende-se à linguagem. É enquanto signo que a palavra chega à ciência. Enquanto som, enquanto imagem, enquanto palavra propriamente dita, ela se vê dividida entre as diferentes artes, sem jamais deixar-se reconstituir através da sua adição, através da sinestesia ou da arte total. (DE 27).

Com o processo de esclarecimento, que provocou um enfraquecimento na linguagem ao separar palavra/signo dos sons e imagens, só as obras de arte autênticas conseguiram

preservar resquícios daquele estado originário, resguardando — a exemplo da magia — um espaço próprio que não se deixa afetar totalmente pelo mundo administrado. A obra de arte tem parentesco com a magia, que provoca uma inversão da lógica discursiva ao não subsumir o particular ao universal: “pertence ao sentido da obra de arte, da aparência estética, ser aquilo em que se converteu, na magia do particular, o novo e terrível: a manifestação do todo no particular” (DE 28). A recusa de determinar o particular pelo universal é o modo de preservar a “aura” da obra de arte, que foi trabalhado por Walter Benjamin, em 1936, no seu texto “A obra de arte na era da sua reprodutividade técnica”.<sup>1</sup>

A “divisão do trabalho espiritual” provocou drasticamente a separação entre ciência, que assume um papel cada vez mais forte na autoconservação humana, e a arte, que fica cada vez mais colocada em segundo plano em razão de sua aparente inutilidade. Assim, o esclarecimento isola a arte, herdeira da magia, e a impede de restaurar a imagem de um mundo distinto do mundo da razão instrumental. A arte é tolerada pelo esclarecimento, como vimos com os autores no canto XII da *Odisseia*, quando se restringe a contemplação e fruição estética. Porém, como nostalgia dessa união entre homem-natureza, ela mostra as contradições do esclarecimento e se coloca como veículo para realizar a rememoração da natureza no sujeito, já que ela não se utiliza da razão instrumental, mas da mimesis.

Depois de aproximar arte e religião, Adorno e Horkheimer recorrem à ideia de Schelling da obra de arte como expressão da totalidade, e mostram, a partir desse elogio à arte como superior à ciência e à filosofia, que “só muito raramente o mundo burguês esteve aberto a semelhante confiança na arte. Quando ele limitava o saber, isso acontecia via de regra, não para

---

<sup>1</sup> Cf. BENJAMIN, Walter. *Estética e sociologia da arte*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 7-47. Neste ensaio, Benjamin ofereceu ao texto de Adorno sobre o fetichismo da música, de 1938, uma importante contribuição ao refletir sobre os meios de comunicação e o perigo que representavam para os indivíduos. O texto adorniano, por sua vez, consistiu em uma resposta crítica ao de Benjamin, considerando ausente nele o teor dialético. A passagem sobre o aspecto subjetivo da reificação da esfera cultural no capitalismo tardio, presente na segunda parte do texto de Benjamin, forneceu maior contribuição ao texto adorniano a partir da ideia de “regressão da audição”, ou seja, a incapacidade crescente do grande público de avaliar o que é oferecido aos seus ouvidos pelos monopólios culturais. Outra importante contribuição de Benjamin, agora para a *Dialética do esclarecimento*, é o manuscrito de suas teses sobre o “Conceito de história”, que chegou às mãos de Adorno, em junho de 1941, por intermédio de Hannah Arendt. Nele estavam presentes importantes ideias como a concepção de história como catástrofe permanente, a crítica à ideia de progresso e ao domínio da natureza. Cf. BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 7-20.

abrir espaço para a arte, mas para a fé” (DE 29). A limitação do saber consiste, na linguagem kantiana, em anular o acesso ao *noumenon*, às coisas em si mesmas, abrindo espaço à fé. Para os autores, quanto menos conhecimento sobre a transcendência, mais valor tem a fé. A relação entre saber e fé já se encontra, segundo Adorno e Horkheimer, na correlação entre pensamento e a dominação, pois, no processo de esclarecimento, “a opressão da sociedade tem sempre o caráter da opressão de uma coletividade” (DE 31). É essa unidade de coletividade e dominação e não a universalidade social imediata, a solidariedade, que se sedimenta nas formas de pensamento (DE 31). Por isso, os autores citam Vico (JAY, 2008, p. 322)<sup>2</sup> e mostram que os conceitos filosóficos de Platão e Aristóteles, por exemplo, “refletiam com a mesma pureza das leis da física a igualdade dos cidadãos plenos e a inferioridade das mulheres, das crianças e dos escravos” (DE 31). O discurso metafísico refletia a injustiça da ordem existente pelo menos através da incongruência do conceito e da realidade:

A própria linguagem conferia ao que era dito, isto é, às relações da dominação, aquela universalidade que ela tinha assumido como veículo de uma sociedade civil. A ênfase metafísica, a sanção através de ideias e normas, nada mais era senão a hipostasiação da dureza e da exclusividade que os conceitos tinham de assumir onde quer que a linguagem reunisse a comunidade dos dominantes para o exercício do comando. (DE 31).

O esclarecimento é, como qualquer outro sistema, totalitário, transformando o pensamento em instrumento de dominação abstrata da natureza, em uma pura tautologia e reificando não apenas as relações sociais, mas também a si mesmo. A dialética assume um papel importante ao decifrar imagens do cotidiano do mundo administrado e destituir o seu aspecto opressor: “a dialética revela, ao contrário, toda imagem como uma forma de escrita. Ela ensina a ler em seus traços a confissão da sua falsidade, confissão essa que a priva de seu poder e o transfere para a verdade. Desse modo, a linguagem torna-se mais que um simples sistema de signos” (DE 32). A denúncia a esse “mero sistema de signos” representa como mencionamos acima, a crítica ao processo de reificação do pensamento que, a exemplo de uma máquina, o

---

<sup>2</sup> Giambattista Vico, filósofo italiano (1670-1744), se distinguiu dos seus contemporâneos por criticar a metafísica cartesiana e a idolatria crescente da matemática. Para ele, o homem é o criador da história e podia conhecê-la melhor do que o mundo natural. A atividade humana é, para Vico, um aspecto fundamental para compreender o desenvolvimento histórico.

pensamento se torna automático e sob a égide da dominação ideológica do mundo administrado.

## **2.2. Limites à integração total?**

Como vimos a *Dialética do esclarecimento* apresenta um diagnóstico de tempo presente que identifica um bloqueio estrutural à emancipação, no qual o sujeito já estaria previamente determinado pela estrutura social e pelos mecanismos de dominação do mundo administrado. Assim, restaria somente a autoconservação por meio da adaptação à realidade social estabelecida, produzindo um conformismo em relação ao mundo dado em cada indivíduo. Esse diagnóstico de tempo presente foi sendo modificado ao longo da obra de Adorno, sobretudo quando temos em mente os textos da década de 1960. O diagnóstico de tempo produzido por Adorno em tal década, apesar de manter aspectos do diagnóstico da década de 1940, se distingue fundamentalmente por indicar limites à integração total ao mundo administrado, ao mostrar a existência de potenciais de resistência à dominação. De acordo com Januário (2016; 2020), esses potenciais possibilitam, por sua vez, pensar uma nova relação entre os indivíduos e a sociedade, na qual cada indivíduo tem outra opção além da adaptação à realidade social existente, a saber, de resistir a essa integração total. Desse modo, o escopo principal desse segundo momento é apresentar, em linhas gerais, o diagnóstico do tempo presente da década de 1960 e destacar a dialética entre expressão e verdade como potencial de resistência ao mundo administrado dentro desse contexto. Com isso, a seção está dividida em duas partes: reconstruímos, a partir do texto adorniano *Capitalismo tardio ou sociedade industrial*, de 1968, alguns aspectos importantes do diagnóstico da década de 1960 e destacamos a presença de potenciais de resistência à integração do mundo administrado. Em seguida, explicamos como a expressão do teor de verdade da obra de arte torna-se um importante potencial de resistência e revela os limites da dominação.

### **2.2.1 Limites à integração total?**



Adorno recorre, no início do texto *Capitalismo tardio ou sociedade industrial* (1968), aos conceitos utilizados por Marx na sua crítica da economia política, apresentando-os a partir do que eles ainda conseguem explicar sobre a estrutura social naquele momento: “em outras palavras, saber se é pertinente a tese, hoje tão difundida dentro da sociologia, de que Marx estaria ultrapassado...” (CTSI 62). Adorno explica, ao recorrer aos conceitos marxistas de forças de produção, relações de produção, capitalismo e classe, que seu objetivo não se resume em escolher entre capitalismo tardio ou sociedade industrial, mas diz respeito, essencialmente, ao conteúdo a que esses nomes apontam: “na verdade não se trata de algo decisivo quanto a termos, mas sim a conteúdos” (CTSI 62). Nesse sentido, Adorno refletirá se Marx e as suas análises do capitalismo estariam ultrapassados e em que sentido.<sup>3</sup>

De acordo com Adorno, a tese da falta de vitalidade dos textos de Marx para a compreensão do atual contexto capitalista se baseia nos conceitos de força produtiva e relações de produção. No que se refere às forças produtivas, a técnica, que se desenvolveu de maneira imprevisível e surpreendente, e a metamorfose do trabalho novo em mercadoria, que em outros tempos definia o capitalismo, mudaram de tal forma que não é mais relevante falar de contradição de classes sociais. Isso ocorreu, segundo Adorno, tanto nos Estados Unidos quanto na União Soviética, onde a percepção das pessoas que vivem em países capitalistas avançados não nota com nitidez a questão das classes sociais. Além disso, os prognósticos de Marx (teoria das classes) da deterioração e do colapso do sistema não se confirmaram, pois, como explica Adorno, o capitalismo construiu mecanismos alternativos que o modificaram de tal forma que impeliu “para as calendas gregas a bancarrota total”. Um exemplo desses recursos consiste na “elevação do potencial técnico e, com isso, também a quantidade de bens de consumo que beneficiam todos os membros países altamente industrializados” (CTSI 63). Adorno explica, no que se refere às relações de produção, que estes países se apresentaram mais flexíveis do que Marx tenha sugerido, ou seja, não houve tensão entre capitalismo e proletariado, mas o contrário, ocorreu um escalonamento crescente entre esses dois polos, a ponto de não permitir a distinção nítida,

---

<sup>3</sup> Sobre esta temática em Adorno, cf. Fleck (2016; 2020) e Maar (2013; 2016).

por exemplo, de quem é o proletariado. A consciência de classe não se constituiu, segundo Adorno, nos locais onde se previa que se iria formar, a saber, em países centrais do capitalismo. Entretanto, a falta de consciência de classe não anula, para Marx, a existência de classes, uma vez que elas são uma condição objetiva. A existência de classe não está ligada ao reconhecimento subjetivo dos indivíduos nela inseridas. O surgimento da consciência de classe está associado à percepção da miséria crescente, e o capitalismo andou no caminho contrário, ou seja, de integração de todos, o que impediu o surgimento da consciência de classes nos países avançados. Portanto, a tarefa da dialética não podia supor a integração crescente dos trabalhadores à sociedade burguesa.

Não faltam, nesses países, razões bastante plausíveis para inexistência de consciência de classe; não era de se prever que os trabalhadores não continuassem mais na miséria, que eles viessem a ser cada vez mais integrados na sociedade burguesa e em sua visão de mundo, ao contrário do que ocorria durante e logo após a revolução industrial, quando o proletariado industrial era recrutado entre os miseráveis e se situava, de certo modo, na periferia da sociedade. A existência social não gera de modo imediato consciência social. (CTSI 65-66).

A ideia de integração corresponde à integração dos trabalhadores à sociedade burguesa e aos seus valores e visões de mundo. Se os trabalhadores contratados viviam numa situação de miséria, ocupavam uma posição marginal dentro do sistema, agora, no sistema atual da sociedade capitalista, a miséria era evitada. Adorno mostra, ainda, que o avanço tecnológico associado à indústria possibilitou ao trabalhador um aumento de consumo de bens de tal maneira a beneficiar quase todos os membros. Portanto, a consciência de classe não se constitui pelo simples fato de os trabalhadores compartilharem e se sentirem integrados na sociedade burguesa, tornando-se necessário um reconhecimento crítico de sua situação de explorado e de sua miséria.

O capitalismo industrial tardio constatou a necessidade de administração e de planejamento, como explica Wolfgang Leo Maar (2016), para evitar o colapso do seu próprio sistema. Por isso, a dominação atinge o controle não apenas do mercado capitalista, mas de toda a sociedade. Essa sociedade se transformou a ponto de impedir o aparecimento de uma nova “aparência socialmente necessária”:

A concepção de que as forças produtivas e as relações de produção formam hoje uma identidade e de que, portanto, se poderia construir a sociedade diretamente a partir das forças produtivas constitui a configuração atual da aparência social necessária. Essa aparência é socialmente necessária porque, de fato, momentos do processo social anteriormente separados, inclusive os seres humanos vivos, são levados a uma espécie de denominador comum. (CTSI 64).

O planejamento e a administração são estendidos para toda a sociedade, tendo a indústria cultural como um dos principais mecanismos de dominação. A “integração total”, para Adorno, não se restringe à integração dos trabalhadores, mas de todos os indivíduos, exigindo deles, em contrapartida, o conformismo com a realidade social vigente. Assim, a integração total se apresenta como um imperativo do sistema como um todo: “(...) isso é que passa então a ser contabilizado como crédito pela situação, cuja integração se transformou em disfarce da desintegração” (CTSI 73). Existe uma diferença essencial entre as formas de resistir do sistema e a resistência que Adorno identificará como presente no mundo administrado. A força de resistência do sistema consiste, segundo Adorno, em se manter intacto e em não entrar em colapso. Por outro lado, Adorno, no texto *Capitalismo tardio ou sociedade Industrial* (1968), sugere elementos que contrariam a dominação social tal como configurado.

Só bem recentemente é que rastros de uma tendência contrária se tornam visíveis, especificamente em grupos dos mais diversos da juventude: resistência contra a cega acomodação, liberdade para metas racionalmente escolhidas, nojo diante do mundo enquanto embuste e mentira, atenção para a possibilidade de mudança. Se, frente a isso, o instituto de destruição, que socialmente sempre chega a triunfar, isso é algo que ainda terá de ser demonstrado. (CTSI 73-74).

Esses grupos “mais diversos da juventude” recusam o *status quo* e apontam para a necessidade de mudanças sociais. Essa resistência ao mundo administrado resgata a possibilidade de surgir, mais uma vez, em um novo contexto social, tendências para emancipação que agora permanecem bloqueados.

### 2.2.2 Expressão e verdade como potenciais de resistência

Antes de apresentarmos a dialética entre expressão e verdade como o potencial de resistência, observamos que Adorno, em outros textos da década de 1960, aponta para situações específicas que indicam a existência de focos de resistência e, desse modo, apontam para a

existência de potenciais de resistência presentes no mundo administrado. No texto *Tempo livre* (1969), ele reflete sobre o conceito de tempo livre a partir do seu outro polo, o tempo ocupado, e aponta alguns aspectos acerca dos termos de integração e de resistência. A maneira como a sociedade se organiza determina o tempo livre: “numa época de integração total sem precedentes, fica difícil estabelecer, de forma geral, o que resta nas pessoas, além do determinado pelas funções. Isto pesa muito sobre a questão do tempo livre” (TL 71). Observa-se, neste caso, a tendência à integração total presente ainda na sociedade, pois as funções sociais estariam previamente determinadas pelo tempo ocupado pelo trabalho. Sobre isso, Adorno questiona: “Que ocorre com ele com o aumento da produtividade no trabalho, mas persistindo as condições de não-liberdade, isto é, sob relações de produção em que pessoas nascem inseridas e que, hoje como antes, lhes prescrevem as regras de sua existência?” (TL 71).

Adorno começa a discussão do conceito de tempo livre a partir da ideia de hobby, que consiste numa atividade reificada, que contribui para a preparação do tempo ocupado pelo trabalho. O hobby se caracteriza por atitudes que conduzem ao aprimoramento das ações individuais no trabalho, isto é, ajudam na tendência à integração total. Um exemplo disso são as atividades de camping, que, ao buscarem se afastar da sociedade burguesa, acabam por transformar os utensílios e os equipamentos de camping em um verdadeiro comércio, o que estimula ainda mais o tempo de trabalho. Assim, alimentar um hobby transformou-se num tipo de dever que se fundamenta por uma necessidade social de se afastar da sociedade burguesa. Essa ocupação, portanto, não é determinada pela autonomia, mas pela heteronomia. Os processos de integração do tempo livre e da funcionalização das necessidades sociais favoreceram o aparecimento do sentimento de tédio, que é outro sintoma do tempo livre que não é preenchido por alguma atividade que esteja separada do trabalho e seja escolhida pelas pessoas segundo seus próprios interesses. O sentimento de tédio tem sua razão de ser, então, na “função da vida sob a coação do trabalho sob a rigorosa divisão do trabalho. Não teria que existir” (TL 76). Nesse texto, como explica Ricardo Musse (2016), Adorno também discute a relação da indústria cultural com o tempo livre, porém, diferentemente de outros textos sobre a indústria cultural, ele muda de perspectiva. É possível consumir os produtos da indústria cultural com um senso

crítico e até, em alguns casos, não se acreditar inteiramente neles. O que se verifica, neste caso, é que os produtos da indústria cultural, destinados aos indivíduos massificados, não são necessariamente adequados “uns aos outros”.

Em consequência, se minha conclusão não é muito apressada, as pessoas aceitam e consomem o que a indústria cultural lhes oferece para o tempo livre, mas com um tipo de reserva, de forma semelhante à maneira como mesmo os mais ingênuos não consideram reais os episódios oferecidos pelo teatro e pelo cinema. Talvez mais ainda: não se acredita inteiramente neles. É evidente que ainda não se alcançou inteiramente a integração da consciência e do tempo livre. Os interesses reais do indivíduo ainda são suficientemente fortes para, dentro de certos limites, resistir à apreensão total. (TL 81).

Os potenciais de resistência dos indivíduos resistem à integração: “renuncio a esboçar consequências disso; penso, porém, que se vislumbra uma chance de emancipação que poderia, enfim, contribuir algum dia com a sua parte para que o tempo livre se transforma em liberdade.” (TL 82). Em outro texto, publicado postumamente em 1971, *Educação e emancipação*, Adorno explica que a questão – “vivemos atualmente em uma época esclarecida?” – foi respondida por Kant de maneira negativa: “não, mas certamente em uma época de esclarecimento” (EE 181). A resposta kantiana reflete um caráter dinâmico para a ideia de esclarecimento, caracterizado mais como “vir a ser e não ser”. No entanto, como explica Adorno, seria difícil garantir isso nos dias atuais: “se atualmente ainda podemos afirmar que vivemos numa época de esclarecimento, isto tornou-se muito questionável em face da pressão inimaginável exercida sobre as pessoas...” (EE 181). Há diversos obstáculos que se opõem à maioria:

O motivo evidentemente é a contradição social; é que a organização social em que vivemos continua sendo heterônoma, isto é, nenhuma pessoa pode existir na sociedade atual realmente conforme suas próprias determinações; enquanto isto ocorre, a sociedade forma as pessoas mediante inúmeros canais e instâncias mediadoras de um modo tal que tudo absorvem e aceitam os termos desta configuração heterônoma esse desvio de si mesmo em sua consciência. É claro que isto chega até as instituições, até a discussão acerca da educação política e outras questões semelhantes. O problema propriamente dito da emancipação hoje é se e como a gente — e quem é ‘a gente’, eis uma grande questão a mais — ode enfrentá-lo. (EE 181-182).

Adorno também reconhece a possibilidade de se resistir à integração total no campo educacional, no qual a maioria deve estar voltada para a contradição e para a resistência: “(...) a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas

interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que educação seja uma educação para a contradição e para resistência” (EE 183). Desse modo, a resistência, apontada por Adorno no contexto educacional, pode se realizar pelo fato de o mundo administrado não conseguir se opor de maneira objetiva a essa forma de esclarecimento.

Para Adorno, a educação não é a única instância que possui uma função de fortalecer a resistência. Essas ideias já estão presentes em outro texto, *Para que ainda Filosofia?* (1962), no qual sustenta que a filosofia ainda é necessária não apenas por fornecer argumentos lógicos, mas, principalmente, por fazer resistência e crítica à heteronomia presente no mundo administrado.

Se ainda é necessária, então terá que ser cada vez mais como crítica; como resistência a uma heteronomia que se expande, como tentativa impotente do pensamento para manter-se senhor de si e colocar a mitologia proposta no lugar que sua própria medida lhe concede. Nela, a liberdade teria que buscar refúgio, enquanto a ela não renuncie como ocorreu na Atenas cristalizada em fins da antiguidade. Não se pode esperar que venha eliminar as tendências políticas que, no mundo cotidiano, menosprezam a liberdade interior e exterior e cujo domínio se insere profundamente até nas apresentações filosóficas. O que se consoma no interior do conceito sempre reflete algo do movimento real. Se ambas heteronomias são a não verdade, e se isto pode ser demonstrado de maneira estrita, então não acrescenta nova articulação à cadeia desesperançada das filosofias, mas também se ergue uma réstia de esperança de que a falta de liberdade ou opressão – males que são que não requerem uma demonstração filosófica para ser o que são, pois que existem – não prevalecerão como palavras finais. (PQF 6).

No texto *Observações sobre o pensamento filosófico* (1969), Adorno indica que a filosofia e seu modo específico de pensar se caracterizam como potenciais de resistência à dominação social. A filosofia contém uma forma específica de pensar, que resiste ao “pensado”, ao que é dado. Nesse contexto, é apresentada a diferença do pensar filosófico com relação ao pensar deliberado pelo positivismo. De acordo com Nobre e Januário (2014), o pensar filosófico se define como aquele que se renova a partir da experiência da própria coisa, e não aquele que se anula no mesmo desenvolvimento das consequências lógicas. O pensar filosófico não é forma privilegiada da coisa, e sim a resistência contra o “pensamento pensado”.

A resistência que o pensar filosófico poderia opor à ruína da razão consistiria em – sem nenhuma consideração pela autoridade constituída, sobretudo das ciências humanas – mergulhar nos conteúdos objetivos para perceber neles e não por cima deles o conteúdo de verdade. Isso seria, hoje, liberdade de pensamento. Verdadeiro seria este quando, liberado da maldição do trabalho, descansasse por fim em se objeto. (OPF 25).

A “necessidade” social da Filosofia, portanto, consiste na resistência contra a heteronomia, a qual acontece por meio do pensar filosófico. Esse pensar, por sua vez, resiste ao pensamento pensado e não aceita pensamentos dados, mas, ao contrário, busca investigar de que modo foi dado e produzido.

No âmbito estético, a obra de arte, ao expressar seu teor de verdade, recusa-se a participar do mundo empírico e, por isso, supera a ideia de uma finalidade e de uma função social. A autoconservação, princípio estruturante da racionalidade instrumental, é recusada por ela, vislumbrando uma alternativa ao problema da racionalidade de sua própria construção, que é, simultaneamente, autônoma e social. Na ausência de um fundamento conceitual-discursivo, a arte alcança uma substância espiritual radicalmente mediada por sua forma. Assim, a expressão do espírito da obra não acontece diretamente, mas de maneira enigmática. Neste fato reside um aspecto de resistência. Só por meio de um pensar filosófico, que expresse o não-idêntico e o contraditório, é possível interpretar e expressar o teor de verdade. A obra de arte autêntica assume a contradição e, desse modo, sugere o estado de reconciliação, pois o teor de verdade que ela expressa, além de resistir à integração total, denuncia a realidade opressora e injusta, apontando para a realização da felicidade humana.

Conforme Januário (2020), podemos entender o conceito adorniano de resistência, nos escritos da década de 1960, como uma categoria que ajuda a organizar e que abrange inúmeras formas de oposição à integração total. Vimos, nesta seção, que a resistência pode ser vista como resistência à indústria cultural e ao modo de pensar positivista, até ser entendido na esfera educacional como propulsora da maioria. No entanto, Adorno adverte que, enquanto não apareçam tendências à emancipação, cada potencial de resistência deve ser discutido e analisado a partir de sua especificidade e contextos teóricos próprios.

## **Conclusão**

Investigamos, no presente artigo, como a arte, já no diagnóstico da década de 1940, se colocava como uma forma de resistência ao esclarecimento, que como qualquer outro sistema é totalitário, pois transforma o pensamento em instrumentos de dominação abstrato da

natureza. No segundo momento, vimos que a ideia de resistência ao esclarecimento foi mantida e ampliada no diagnóstico da década de 1960, ao mostrar, a partir do texto *Capitalismo tardio e sociedade industrial*, que existe uma diferença essencial entre formas de resistir ao sistema, que Adorno identificará como presente no mundo administrado, e a força de resistência do sistema capitalista em se manter intacta e não entrar em colapso. Por outro lado, Adorno, no mesmo texto, sugere elementos que contrariam a dominação social tal como está configurado. Esses grupos mais divergentes da juventude recusam o *status quo* e apontam para a necessidade de mudanças sociais. Essa resistência ao mundo administrado resgate a possibilidade de surgir, mais uma vez, em um novo contexto social, tendências para a emancipação que agora permanecem bloqueadas.

### Referência bibliográfica

- ADORNO, Theodor W. *Gesammelte Schriften*. Edição de Rolf Tiedemann. 20 vols. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1997.
- ADORNO, Theodor W. *Ästhetische Theorie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1973.
- ADORNO, Theodor W. *Teoria estética*. Tradução Artur Morão. São Paulo: Martins Fontes/Edições 70, 1988;
- ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995a.
- ADORNO, Theodor W. *Notas de literatura*. Tradução Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, Ed.34, 2003.
- ADORNO, Theodor W. *Minima moralia: Reflexão a partir da vida lesada*. Tradução Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.
- ADORNO, Theodor W. *Negative dialektik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1982.
- ADORNO, Theodor W. *Dialética negativa*. Tradução Marco Antônio Casanova; revisão técnica Eduardo Soares Neves Silva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- ADORNO, Theodor W. *Palavras e sinais: Modelos Críticos 2*. Tradução Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995b.
- ADORNO, Theodor W. *Prismas. Crítica cultural e sociedade*. Tradução de A. Wernet e J. M. B. Almeida. São Paulo: Ática, 1998.
- ADORNO, Theodor W. "Capitalismo tardio ou sociedade industrial". In: COHN, Gabriel (Org). Theodor Adorno — Sociologia. São Paulo: Ática, 1986. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- BARBOSA, Ricardo Corrêa. *Dialética da Reconciliação: estudo sobre Habermas e Adorno*. Rio de Janeiro: UAPE, 1996.
- BÜRGER, Peter. *Teoria da vanguarda*. Tradução José Pedro Antunes. São Paulo: UBU, 2017.



- CACHOPO, João Pedro. *Verdade e enigma. Ensaio sobre o pensamento estético de Adorno*. Lisboa, Portugal: Edições Vendaval, 2013.
- CACHOPO, João Pedro. Da verdade da aparência à do enigma: Para uma reavaliação contemporânea da estética de Adorno. *Artefilosofia*, Ouro Preto, n. 13, p. 89-105, 2012.
- CARONE, Iray. Adorno em Nova York. *Os estudos de Princeton sobre a música no rádio (1938-1941)*. São Paulo: Alameda, 2018.
- COHN, Gabriel. Esclarecimento e ofuscação: Adorno & Horkheimer hoje. *Revista Lua Nova*, n. 43, p. 5-22, 1997.
- DEMIROVIC, Alex. Continuar, ou o que significa falar da atualidade da teoria crítica? Remate de Males, Campinas-São Paulo, V 30, nº 1, p. 9-24, 2011.
- DUARTE, Rodrigo. *Dizer o que não se deixa dizer: para uma filosofia da expressão*. Chapecó: Argos, 2008.
- DUARTE, Rodrigo. *Mímesis e racionalidade: a concepção de domínio da natureza em Theodor W. Adorno*. São Paulo: Loyola, 1993.
- DUARTE, Rodrigo. "A autonomia da arte revisitada". In: BOCCA, f. V. (org). *Natureza e liberdade*. Curitiba: Champagnat, 2006.
- DUARTE, Rodrigo. *Adornos: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.
- DUARTE, Rodrigo. *Indústria cultural: uma introdução*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- DUARTE, Rodrigo. "O tema da indústria cultural na Teoria Estética de Theodor Adorno". In: SANTOS, F. V. dos; NUÑES, C. F. P. (Orgs.). *Encontro com Adorno*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2004.
- DUARTE, Rodrigo. *Teoria Crítica da indústria cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- DUARTE, Rodrigo. "A questão do estilo em Theodor Adorno". In: PERES, A. M. C; PEIXOTO, S. A.; OLIVEIRA, S. M. P. de (Orgs.). *O estilo na contemporaneidade*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.
- DUARTE, Rodrigo. A desartificação da arte segundo Adorno: antecedentes e ressonâncias. *Artefilosofia*, n. 12, p. 19-34, 2007.
- FLECK, Amaro. O anticapitalismo de Adorno. Entre o marxismo e as novas leituras de Marx. *Dissonância*, Campinas, p. 1-25, 2020.
- FLECK, Amaro. Necessária, mas não suficiente: sobre a função da crítica da economia na teoria crítica tardia de Theodor W. Adorno. *Cadernos de Filosofia alemã*, p.13-29, 2016.
- FOSTER, Roger. *Adorno: the recovery of experience*. New York: State University of New York Press, 2007.
- FREITAG, Barbara. *A teoria crítica: ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- FREITAS, Verlaine. *Adorno e a arte contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- FREITAS, Verlaine. "Dialética histórica da cultura. Um comentário crítico ao texto Teoria da semiformação, de Theodor Adorno". In: CHAVES, J. C.; BITTAR, Mona; GEBRIM, V. S. (orgs). *Escritos de psicologia, educação e cultura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.
- FREITAS, Verlaine. Saber, abstração e poder na Dialética do esclarecimento: um comentário crítico. *Revista Veritas*, v. 59, n. 2, mai.-ago. 2014. p. 20-45
- FREITAS, Verlaine. Fetichismo e regressão musicais em Theodor Adorno. *Revista Pensando*, v. 8, n. 16, 2017. p. 80-106.
- FREITAS, Verlaine. A objetividade negativa do artefato estético. Adorno e os paradoxos da arte como figuração de um sujeito emancipado. *Comunicações*, Piracicaba, v. 22, n. 3, 2015, p. 9-20.
- FREITAS, Verlaine. A arte moderna como historicamente-sublime: um comentário sobre o conceito de sublime na Teoria estética de Th. Adorno. *Kriterion*, Belo Horizonte, n. 127, p. 157-176, 2013.

- JAMESON, Fredric. *O marxismo tardio: Adorno, ou a persistência da dialética*. Tradução Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Unesp, 1997.
- JANUÁRIO, Adriano. *Educação e resistência em Theodor Adorno*. São Paulo: Loyola, 2020.
- JANUÁRIO, Adriano. *Modelo crítico e diagnóstico de tempo presente em Th. W. Adorno*. 2016. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2016.
- JARVIS, Simon. *Adorno: A Critical Introduction*. Cambridge: Polity, 1998.
- JAY, Martin. *As ideias de Adorno*. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 1988.
- JAY, Martin. *A imaginação dialética. História da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais 1923-1950*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- JIMENEZ, Marc. *Para ler Adorno*. Tradução Roberto Ventura. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- JIMENEZ, Marc. *O que é estética?* Tradução Fulvia Moretto. São Leopoldo, RS: Unisinos, 1999.
- MAAR, Wolfgang Leo. Materialismo e primado do objeto em Adorno. *Transformação*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 133-154, 2006.
- MAAR, Wolfgang Leo. O novo objeto do mundo: Marx, Adorno e a forma valor. *Revista Dois pontos*, Curitiba, São Carlos, v. 13, n. 1, 2016, p. 29-40.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017. V1.
- NOBRE, Marcos (org.). *Cursos livre de Teoria Crítica*. Campinas, SP: Papyrus, 2008.
- NOBRE, Marcos. *Teoria Crítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- O'CONNOR, Brian. *Adorno's Negative Dialectic: Philosophy and the Possibility of Critical Rationality*. Cambridge, MA: MIT Press, 2004.
- PERIUS, Oneide. *Esclarecimento e Dialética negativa*. Passo Fundo: IFIBE, 2008.
- PETRY, Franciele Bete. "A racionalidade estética em Adorno como possibilidade de superação da crítica à razão instrumental". In: FELDHAUS, Charles; DUTRA, Delamar José Volpato (Orgs.). *Habermas e interlocuções*. São Paulo: DWW, 2012.
- PETRY, Franciele Bete. A relação dialética entre arte e sociedade em Theodor Adorno. *Veritas*, v. 59, n. 2, 2014, p. 388-406.
- PETRY, Franciele Bete. Belo natural e reconciliação: reflexões a partir da estética de Theodor W. Adorno. *Artefilosofia*, n. 17, p. 145-156, 2017.
- PETRY, Franciele Bete. Experiência e formação em Theodor W. Adorno. *Revista Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 29, n. 57, p. 455-488, 2015.
- PETRY, Franciele Bete. Além de uma crítica à razão instrumental [tese]; orientador, Alessandro Pinzani. — Florianópolis, SC, 2011. 252 p.
- PLATÃO. *Fedro*. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- PUCCI, Bruno; LASTORIA, Luiz; ZUIN, Antônio (Orgs.) *Teoria Crítica e Inconformismo: novas perspectivas de pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 2010.
- RICHTER, Gerhard. Theory and Nonpropositional Truth Content in Adorno. *New German Critique*, n. 97, Adorno and Ethics, p. 119 -135, Winter, 2006.
- ROSE, Gillian. *The Melancholy Science: An Introduction to the Thought of Theodor W. Adorno*. Londres: Macmillan, 1978.
- RUSH, Fred (ORG). *Teoria Crítica*. Tradução Beatriz Katinsky; Regina Andrés Rebollo. Aparecida, São Paulo: Ideias e Letras, 2008.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Adorno*. São Paulo: Publifolha, 2003.

- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A Atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- SILVA, Eduardo Soares Neves. *Filosofia e arte em Theodor W. Adorno: a categoria de constelação*. 2006. Tese (Doutorado em Filosofia) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte, Brasil, 2006.
- THOMSON, Alex. *Compreender Adorno*. Tradução Rogério Bettoni. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- TIBURI, Marcia. *Crítica da razão e mimesis no pensamento de Theodor W. Adorno*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- TIBURI, Marcia. *Metamorfoses do Conceito: Ética e Dialética Negativa em Theodor W. Adorno*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.
- TIBURI, Marcia; DUARTE, Rodrigo. (Orgs.). *Seis Leituras sobre a Dialética do Esclarecimento*. Ijuí: Unijui, 2009.
- ZAMORA, José Antônio. *Th. W. Adorno. Pensar contra a barbárie*. Tradução Antônio Sidekum. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2008.
- ZUIDEVAART, Lambert. *Adorno's Aesthetic Theory: The Redemption of Ilusion*. Cambridge: The MIT Press, 1994.
- ZUIN, Antônio Álvaro Soares. *Indústria cultural e educação. O novo canto da sereia*. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.
- ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Sobre a atualidade do conceito de indústria cultural. *Cadernos Cedes*, ano XXI, n. 54, p. 9-18, 2001.
- WELLMER, A. *Sobre la dialéctica de modernidad y postmodernidad*. Traducción José Luis Arántegui. Madrid: Visor, 1993.

Recebido em: 06-05-2025

Aprovado em: 21-09-2025

### **Bruno Luciano de Paiva Silva**

Graduado em Filosofia, Pedagogia, Ciências Sociais e História. Mestre em Filosofia pela FAJE e doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor de Filosofia da Faculdade Famart-MG e professor efetivo de Ensino Religioso na Rede Municipal de Contagem.